

**BERTI, Enrico. *Convite à filosofia*. Trad. Fernando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013, 135p. ISBN 978-85-15-04077-3.**

A tradução de Fernando Moreira do livro *Invito alla filosofia* de Enrico Berti (2011) — reconhecido autor e grande especialista em Aristóteles, professor da Universidade de Pádua e membro de renomadas academias internacionais — proporciona aos leitores de língua portuguesa o contato com uma concisa exortação ao filosofar, que se dirige não apenas aos interessados em graduar-se em filosofia, mas, conforme atesta o próprio Autor, a “todos, jovens, adultos e idosos” (p. 13).

O livro, dividido em três capítulos, segue uma metodologia muito didática que explica de forma abreviada, porém bem fundamentada, o caminho que um interessado em filosofia deverá percorrer.

No primeiro capítulo, o filósofo italiano explica diversas motivações que podem levar as pessoas a se voltarem para a filosofia: as de tipo existencial, intelectual, científico, religioso, ético, político e cultural.

No contexto destas motivações, vem a propósito ressaltar as de tipo existencial que, na opinião do Autor, ocupam o lugar primordial entre as demais, pois, referindo-se ao sentido da vida humana, englobam aqueles que em algum período de sua existência colocaram-se o problema da necessidade, finalidade e utilidade de seu próprio existir. Contudo, a proeminência deste tipo de motivação não diminui, naturalmente, o valor das demais.

As motivações de tipo intelectual dirigem-se àqueles que possuem certa cultura, em geral de meia-idade, e que são confiantes nos resultados das ciências, mas não de modo absoluto, como é o caso da filosófica noção de verdadeiro e falso (p. 22).

As de tipo científico referem-se às dificuldades que a própria ciência levanta e não é capaz de solucionar, sem descartar, contudo, a possibilidade de fazê-lo no futuro. De viés oposto, porém, são aquelas de caráter religioso, que dizem respeito à relação da filosofia com a religião, procurando explicar racionalmente aquilo que, sem necessitar de provas, se crê. Ou ainda, a fim de criar condições para que a própria fé não seja entendida como absurda (p. 34).

Não menos importantes são as motivações éticas ou morais. Referem-se, segundo o Autor, àquelas que estão a meio caminho entre as de tipo científico e as de tipo religioso. Na época contemporânea, sobretudo a partir de 1970, a ética é particularmente debatida no âmbito biológico, isto é, da bioética (p. 38-40).

Há também razões relativas à política e à cultura, que levam as pessoas a se interessar pela filosofia, utilizando-se desta como instrumento para valorar os temas que tratam, ou para obter uma compreensão mais aprofundada do tempo e das obras que influenciaram o modo de pensar do homem, bem como o próprio desejo de conhecer (p. 47).

Encerrando as razões que podem suscitar interesse pela filosofia, o Autor questiona-se, na segunda parte, sobre o que ela vem a ser propriamente. Utiliza-se, mais uma vez, de seu método didático, enunciando várias teses, refutando as errôneas e apresentando suas imprecisões, até chegar por fim à definição correta.

Em seguida, no capítulo segundo, Berti levanta o problema de ser a filosofia um simples estado de ânimo, o que não justificaria o fato de pensadores famosos, desde a Antiguidade, terem dedicado toda sua vida em função dela.

Outra hipótese é a de ser ela uma atitude, um estilo de vida. Isto se aplicaria mais aos tempos clássicos nos quais um filósofo moldava toda a sua vida em função da filosofia, não se dedicando, assim, a nenhuma outra atividade, o que nos tempos atuais não tem plena valia, pois a filosofia vem sendo estudada por pessoas que têm outros estilos de vida, como é o caso de religiosos ou profissionais liberais.

Por fim, o Autor julga ser mais apropriado definir a filosofia como sendo “certamente uma atividade teórica, isto é, intelectual, espiritual, mas entendida não como conhecimento ou como saber, mas como pesquisa, pergunta, desejo de saber” (p. 53). Aponta também a diferença entre o pesquisar da filosofia e o das demais ciências, recorrendo à ideia de que o nascer da filosofia em Platão e Aristóteles é a maravilha — *thaumazein* —, não em seu sentido estético, e até mesmo intelectual ou moral, mas, sim, como uma consciência de sua própria ignorância, um interes-

sar-se por conhecer todas as coisas ao seu redor (p. 56-57). Tal pesquisa é interminável, não porque não se encontram soluções, mas porque novos problemas surgem constantemente.

Ainda neste capítulo, Berti trata sobre uma resposta metafísica à maravilha aristotélica, pois certos problemas filosóficos exigem uma resposta transcendental, isto é, que saia do campo experimental e passe a procurar as causas mais profundas das coisas. Finalizando este capítulo, o Autor trata do método da filosofia ao longo da História, entendido como o dialético-refutatório, segundo o qual alguém é constantemente interrogado durante uma discussão (dialética) e, em consequência das suas próprias respostas, é refutado pelo interlocutor (p. 86). E a discussão continua, tomando como ponto de partida a solução que foi proposta, e assim repetidamente.

No último capítulo, Berti, desejando encerrar a obra com uma exortação ao filosofar, recorre ao *Protréptico* de Aristóteles, o qual realça o papel proeminente da filosofia (p. 95). Ressalta os seguintes pontos: o fato de ser a filosofia inegável, de estar ao alcance de todos, de ser útil, de ser um modo de realizar a felicidade e, por fim, a faculdade de proporcionar prazer.

Em seguida, Berti comenta que Aristóteles, para provar que a filosofia é incontestável, afirma que quem pretende demonstrar que não se deve filosofar, acaba fazendo uso da filosofia (p. 100). Para sustentar que a filosofia está ao alcance de todos, argumenta que ela não

requer recursos especiais, tais como instrumentos ou, ainda hoje, laboratórios ou lugares específicos, etc. Para fazer filosofia basta ter tempo para pensar (p. 103-104). Quanto à sua utilidade, Berti alerta para a distinção entre os meios (“concausas”) e os fins (“causas”). A filosofia se enquadra nesta última categoria porque visa o bem em si, não servindo diretamente para nada. Na realidade, o Autor recorda um fato interessante que ilustra muito bem esta característica: “um professor meu na universidade nos dizia no primeiro ano do curso de filosofia: a filosofia é inútil, não serve para nada, porque se servisse seria serva, ao passo que é senhora” (p. 107).

Ademais, trata do modo como a filosofia procura a sabedoria, isto é, a atividade mais elevada do homem, e, por isso mesmo, capaz de proporcionar a felicidade, “entendendo por felicidade precisamente o viver mais, o ser mais, o realizar plenamente as próprias capacidades, a ‘plenitude’” (p. 120), e por esta razão é “uma das atividades mais agradáveis que existem” (p. 122).

No final do capítulo, o Autor elaborará uma visão de conjunto da filosofia na sociedade hodierna, à guisa de conclusão, no âmbito do *Protréptico* e de seu *Convite*. Faz um apanhado de como a filosofia é ensinada nos dias de hoje, em particular nos países ocidentais. Neste sentido, analisa a Itália e a França, que, segundo ele,

são as duas nações em que mais se ensina filosofia nas escolas. Contudo o método de cada uma é bem divergente, na primeira o ensino é mais direcionado à história da filosofia, enquanto que na segunda o procedimento é muito mais teórico ou moral, isto é, “uma discussão sobre problemas filosóficos, que encontra expressão na redação de uma dissertação escrita, na qual o estudante expõe o seu ponto de vista, a sua ‘filosofia’” (p. 127). A conclusão do Autor é que o primeiro modo é mais perfeito porque se filosofa baseando-se em filósofos precedentes.

Finalizando a obra, o filósofo italiano insiste no ponto de que não se pretende convidar a todos a se graduarem em filosofia, mas, sim, a tomar contato com ela. Sob este prisma, afirma ser útil o ensino de filosofia nas escolas (p. 129), visto que a grande maioria dos jovens estudantes não há de se especializar em tal disciplina. Argumenta, pois, que se é importante aprender a literatura, a poesia e a música, embora boa parte dos alunos não siga tais especializações, por que não deve ocorrer o mesmo com a filosofia?

Eis um livro introdutório, de linguagem clara e concisa, que favorece efetivamente na iniciação filosófica. Trata-se de um verdadeiro convite a filosofar.

*Dartagnan Alves de Oliveira Souza, EP*  
(Professor – IFAT. Com a colaboração  
de Jiordano Gabriel Carraro)